

A Grande Luta

José Altino Machado

Entrou no quarto cuidadosamente, procurando não ser pressentido, buscando recantos escuros próximos à cortina da janela e ficou quieto, imóvel, certificando-se de não ter sido visto. Após alguns minutos, adquiriu confiança. O casal permanecia na cama conversando sobre assuntos banais: filhos malcriados, empregada desordeira e rapace, problemas como chefe na repartição, programa para o fim da semana. Tudo revelava não terem sequer suspeitado de sua presença, bem próxima.

Mais adiante viu quando se acariciaram, beijaram-se rapidamente, deram-se boa noite e apagaram o abajur de cabeceira. Continuou estático atrás da cortina, aguardando; não tinha pressa, a noite apenas começava e até clarear o dia poderia agir, desde que tomasse as cautelas necessárias, não se expondo ou cometendo imprudência.

Cerca de uma hora mais tarde, ouviu o ronco de ambos, voltados um para o outro na cama larga. Sentiu segurança e saiu da posição, postando-se ao lado do guarda-roupa, perto dos dois que pareciam dormir profundamente. Abeirou-se, então, ao criado-mudo, iluminado pelo mostrador fosforescente do rádio-relógio. Continuavam inertes e ele se aventurou. Bem de leve, pousou na mão da mulher, pois sempre dava preferência ao sangue feminino, achava-o mais puro, mais ralo, mais leve, mais doce; o do homem, sabia-o grosso, pesado, de difícil absorção. A pele da mulher era mais fina, lisa, delicada – o ferrão entrava sem risco de se quebrar; no homem, a pele era áspera e os pêlos atrapalhavam.

O local predileto era o colo, de preferência os seios, embora fosse difícil encontrá-los expostos, mormente na época de frio. No calor, por vezes de-

parou corpos desnudados e pôde escolher à vontade o ponto da picada.

A mão se mexeu e ele saiu, rápido, antes que o esmagasse. Todo o cuidado era pouco. Voltou para o teto, longe do alcance; evitava precipitar-se. Meia hora mais, novamente desceu no braço dobrado, fora do lençol verde. Nenhum movimento. Ele espichou o ferrão e começou a introduzi-lo, vagorosamente, num poro mais largo, na parte inferior do antebraço, sobre ténue veia azulada. De súbito: *plaft!* Um tapa forte, a luz foi acesa, formou-se um burburinho, mal teve tempo de safar-se. O vento da mão impulsionou-o para baixo, ele se assentou ao pé da cama.

– Tem pernilongo no quarto, querido.

– Onde? Não senti nada.

– Pois eu senti. Estava me picando. Vamos procurá-lo; não consigo dormir com esses miseráveis chupando a gente!

– Tudo bem, deixe-me pôr os óculos. Apanhe a toalha de rosto no banheiro, umedeça-a; logo mato esse bicho desgraçado.

Rente ao chão, ele estava apavorado. Fora armadilha, ela fingira estar dormindo. Quase foi apanhado, exatamente



como na noite anterior; falsa, traidora! Ela me paga, pensava; se escapar desta, chupo-lhe todo o sangue. Ouviu barulho de passos. Os dois andavam pelo cômodo, sacudindo as cortinas, afastando móveis, iluminando todos os cantos com luz forte.

– Olhe ele ali! Dê-me rápido a toalha, vamos, antes que fuja!

– Onde?

– Aqui. Ah! Você demorou, ele escapou; veja do outro lado, deve estar passando por baixo.

Realmente, voara com risco de vida sob a cama e se escondera atrás da porta que dava para o corredor. Confiava em que não o procurariam lá; pelo menos não o fizeram na noite passada.

De repente, mexeram na porta e ele se viu exposto à claridade, inteiramente a descoberto. Passaram a jogar toalha dobrada, chinelos, paletó de pijama, até a camisola ela tirou, transformando-a em petardo. Quase foi atingido, mas escapou, entre um arremesso e outro, pelo túnel ermo e sombrio do corredor. Assustado, pensou: ainda bem que não se valeram de armas químicas; limitaram-se à bateria antiaérea...

– Vamos dormir, meu bem. Acho que o matamos. Amanhã comprarei nova bomba inseticida.

– Não suporto o cheiro do produto, prefiro o pernilongo.

– É, mas não há outro jeito...

Distante, no fundo do corredor, ele recordava os sábios conselhos da mãe: não tenha pressa, meu filho, nem esmoreça; prefira o escuro e evite os ouvidos. O homem tem nos ouvidos o ponto mais sensível do corpo; neles deve se localizar o cérebro humano. O rosto do homem é região acidentada, a montanha principal é o nariz, com duas cavernas profundas; as orelhas, onde ficam os

ouvidos, vêm em seguida: duas abas enormes, radares poderosos, que detectam zumbidos e acionam braços e mãos para a nossa morte. Os olhos são sensíveis, mas inofensivos. A boca é cavidade perigosa, aprisiona e destrói os insetos descuidados que nela adentram à procura da língua, saborosa. Os homens são selvagens, brutos e nada inteligentes. Bastariam cortinados e os pernilongos morreriam de fome; mas são comodistas, acham que junta poeira e preferem guerrear. Quando não matam logo – o homem só pensa em matar –, insistem na batalha até ficarem cansados e cair no sono, entregando-se. Aí tudo fica bem. O ferrão entra fácil, o sangue escorre que é uma beleza!

Ele achava que aquele momento chegara e se preparava para a sucção. Achava mais: como é fácil lutar contra o homem; ele repete a mesma técnica todas as noites: atira tudo o que tem à mão. Certa vez arremessaram-lhe um despertador, que não o alcançou e se desfez todo; teve pena. Difícil é lutar contra a lagartixa, esta sim, sabida e viva, artilosa e inteligente. Dificílimo enfrentar a deusa-aranha, que tece sua teia quase invisível. Não há pernilongo, por mais bem dotado, que lhe escape, quando faminta. Já a papa-mosca é espertíssima, mas dá para se defender. Depois do homem, é o animal mais burro...

Sempre seguindo a ponderável orientação materna, somente depois de passado longo tempo retornou ao dormitório. Os roncos se haviam reativados, fortíssimos. Exausto, o casal se rendia. Então, ele esnobou: esticou o ferrão e o introduziu lenta e prazerosamente no pescoço do homem, chupando meia gota de sangue grosso. Logo em seguida, com toda a calma, outra meia gota, doce, leve e gostosa, do apetitoso seio feminino...

Afinal, deixou o quarto, voando solto e feliz, zumbindo alto, realizado, risonho e feliz com a vitória alcançada, barriga cheia de sangue, que digeriria pela semana inteira. Voou ao encontro dos seus, orgulhoso e certo de que seria recebido como herói: derrotara o homem, ganhara a grande luta da noite.

José Altino Machado

da Academia Paulista de Letras e
da Academia Cristã de Letras,
recentemente lançou seu quinto
livro de contos: *Reencontros*



Anamnésia

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Rotina de todos os dias em Banco de Sangue: receber um doador e depois agradecer muito pela enorme boa vontade de dar seu sangue, desinteressadamente, altruisticamente, passar para aquela fase ligeiramente vexatória, ao ser inquirido a respeito de coisas que antigamente eram apenas discutidas em confessionários ou em consulta médica, em geral aos sussurros:

– Seu Manoel, muito obrigado pela disposição de doar sangue. Como o senhor sabe, somos obrigados a fazer uma série de perguntas, para garantir a segurança.

– Puxa vida, vocês têm problema de segurança aqui no Banco? O pessoal do PCC já assaltou vocês pensando que aqui é Banco como outros Bancos, com dinheiro?

– Não, seu Manoel, não é este o problema. É que precisamos garantir que o sangue que colhemos não vai transmitir doenças aos doentes que vão recebê-lo.

– Mas vocês não fazem um monte de testes para ter certeza de que quem deu o sangue não está doente? Eu sei que muitas pessoas que estão com algum vírus não sabem disso e é por isso que vocês fazem os tais testes, não é?

– Sim, seu Manoel, é por isso mesmo que a gente faz testes e mais testes – e é por causa disso que o sangue fica cada vez mais caro. O senhor deve saber que estamos programando colocar mais testes, os tais testes moleculares, em todos os sangues doados neste nosso país.

– Programando? Tem que fazer.

– Tem, tem mesmo, mas é muito caro, difícil de padronizar, e o pessoal da Anvisa primeiro disse que isso ia ser obrigatório em tal data, depois mudou de data e, para ser franco, nem sei como isso anda, mas enquanto não tivermos mais recursos para implantar os tais testes moleculares não vai dar para fazer.

– Mas tem tanto dinheiro na Saúde, tem a CPMF, não é possível que estejam faltando recursos.

– Mas faltam, seu Manoel. Só não faltam para comprar ambulâncias, como o senhor deve ter lido no jornal. Mas voltando ao assunto (meu Deus, estou conversando com o seu Manoel há dez minutos; tem mais um monte de doadores para entrevistar e nem comecei ainda), além dos exames, preciso perguntar umas tantas coisas, que podem parecer embaraçosas. O senhor, por favor, não se ofenda.

– Pode perguntar, não tem problema não; minha vida é um livro aberto.

– Bom, seu Manoel, vamos começar com alguns detalhes de sua vida pessoal. O senhor tem alguma tatuagem?

– Bem, eu já comi tatu em Minas Gerais, numa festa da minha afilhada Maria do Céu, quando ela se formou em...

– Não, seu Manoel, não é disto que eu estou falando (será que comer tatu tem relação com risco de doença de Chagas? É isso eu não vou achar em livro nenhum). Eu quero saber se

o senhor já fez alguma pintura na pele com agulhas, o senhor sabe, tatuagem.

– Ah, tatuagem, eu sei, aquele tipo de coisa que o Popeye tem no braço. Não tenho não – mas o senhor sabe que eu já pensei em fazer? Quando estava em Portugal, quase entrei num *tattoo parlour* para colocar uma bandeira da terrinha no braço, numa noite de vinho e fado na Alfama, mas o rapaz da tatuagem olhou para mim e disse: “seu Manoel, o senhor volta aqui quando estiver mais sóbrio, que se o senhor ainda quiser a gente faz...”. No dia seguinte, eu estava com uma dor de cabeça, o senhor sabe, dor atrás dos olhos.

– Sim, seu Manoel, entendi. Então o senhor não tem tatuagem. Ótimo. Segunda pergunta: o senhor já usou, alguma vez na vida, alguma droga?

– Sim senhor, tive um fusca que era uma droga mesmo. O senhor imagine: quando eu acendia o farol, desligava o rádio; quando pisava no freio, acendia a luz do teto – e o pessoal da oficina não resolvia.

– Não, seu Manoel, não é este tipo de droga. É coisa tipo cocaína, maconha, bolinhas, anfetaminas...

– Não senhor, nada disso. Eu tomo muito café, porque sem o café eu não consigo pensar direito. O senhor acredita que eu sinto tanta falta de café que não agüento passar meia hora sem um cafezinho – aliás, o senhor tem café por aqui?

– Tenho, seu Manoel. Espere que eu vou pedir para o senhor (ai Jesus, lá se vão mais cinco minutos e mal comecei).

– Obrigado, e se tiver uns biscoitos... Ou não pode porque precisa de jejum para colher o sangue?

– Um biscoito só pode, seu Manoel.

– E o senhor precisa saber mais alguma coisa?

– Preciso, seu Manoel, mas deixa a moça acabar de servir (obrigado dona Maria) para a gente poder fechar a porta.

– Fechar a porta?

– É que eu preciso perguntar mais coisas, a respeito da sua vida... como vou dizer... seus relacionamentos.

– Puxa, não sabia que para doar sangue tinha uma consulta psicológica antes. Que bacana! Eu ando com uns problemas com a Maria das Dores, a minha filha adolescente que está ficando uma aborrecente e não me obedece mais. Quem sabe o senhor me ajude neste problema de relacionamento.

– Não é isto (meu Deus, mais cinco minutos perdidos e não vamos para frente. Parece mais fácil desistir do seu Manoel, mas já que chegamos até aqui, vamos continuar); é a respeito da sua vida sexual, seu Manoel.

– Sim, graças a Deus ela vai muito bem.

– Ótimo. Vamos lá, o senhor é casado?

– Casado mas não castrado, o senhor entende?

– Não, seu Manoel, não entendo. Preciso saber se o senhor teve mais de três parceiras sexuais no último ano.

– Bem, o que o senhor chama de parceiras sexuais?

– Ora, pessoas com as quais o senhor fez sexo.

– Mas de qualquer tipo?

– Como tipo?

– Bem, tem a menina do escritório que um dia a gente fez sexo oral; mas segundo o ex-presidente Bill Clinton, isso não é sexo no sentido bíblico do termo, não é pecado.

– Seu Manoel, não estou discutindo pecado, só preciso saber o que o senhor andou fazendo; não se preocupe que isto fica entre nós, como se fosse numa igreja.

– Se isto for como na igreja, o senhor vai me pedir uma colaboração no fim da consulta – isso além do meu sangue. Jesus amado, a gente não escapa destas coisas.

– Não, seu Manoel, eu fico muito feliz em receber o sangue que o senhor, com tanto altruísmo, veio trazer para a comunidade; imagine se eu, além disto, pedisse mais alguma coisa... é até proibido por lei.

– Eu tinha a impressão de que proibido era eu vender o sangue, não o senhor cobrar por ele.

– Preciso verificar isto na legislação (minha Virgem Santa, mais cinco minutos perdidos) e é capaz de ser possível, sim, porque aqueles gênios de Brasília deixam umas brechas na enorme, confusa e imensa legislação que rege nossos procedimentos.

– É, aquele povo em Brasília só faz confusão e aumenta os impostos. O senhor não imagina, na minha firma, quanto trabalho a gente tem de preparar: mil e tantos papéis, fazendo o que aqueles folgados deveriam fazer – e depois nos multam, só para serem convencidos a não multar, o senhor sabe como é.

– Sei sim, seu Manoel. Voltemos ao assunto: além da menina com a qual o senhor fez sexo oral...

– E foi fabuloso, você não imagina, a menina não é bonita, mas é um aspirador.

– Ótimo, seu Manoel. E com quem mais o senhor fez sexo? Sua esposa?

– Bem, o senhor talvez não vá entender. Eu estou casado há quase 45 anos, e o senhor sabe, com o tempo a gente se desinteressa, e a dona Luíza nunca foi muito fã destas coisas, é da teoria da aristocracia inglesa na época da rainha Victoria, o senhor sabe qual é?

– Não, seu Manoel, não sei. Qual é?

– No fim do século 19, quando uma moça da aristocracia ia se casar, a mãe dela explicava os fatos da vida e dizia: “naquela hora, feche os olhos e pense na Inglaterra”.

– Está bom, entendi. Então ficamos só com a moça do escritório.

– Não, tem também aquela outra menina que eu encontrei no parque, quando eu fazia o exercício que o médico me recomendou: eu sou meio gordo e meu pai morreu de enfarto com 50 anos, e meu colesterol é mais que 300 – e, para ser franco, já que o senhor também é médico, o senhor acha que eu preciso tomar aquele monte de remédios para baixar colesterol que ele quer que eu tome, tudo muito caro? Não sei se vale a pena.

– Vale, seu Manoel, vale. Mas isso é um pouco mais complicado, pois eu não tenho como avaliar o senhor só com este papo.

– Como doutor? O senhor quer saber dos meus segredos mais que o meu médico, que nunca me perguntou estas coisas.

– Seu Manoel, medicina é mais complicada que isto; mas vamos em frente, me conta da menina do parque.

– Ora pois, eu estava a correr e tropecei, e o senhor sabe, com minha corpulência (e banha) o tombo foi feio e ela me acudiu. Simpática, boazinha, ficamos conversando e depois ela me disse que era uma moça que trabalhava. Eu perguntei em que, e ela me olhou meio de lado e falou que era naquilo mesmo. Eu perguntei: “naquilo o quê?” E ela me explicou e me deu o preço.

– Bom, seu Manoel (agora encerro este papo), então o senhor fez sexo pago. Lamento dizer...

– Quem mais lamenta sou eu, doutor. Não paguei e não fiz, e a menina era muito gostosa.

– Então o senhor não fez sexo com ela?

– Não, mas tive muita vontade, não vale?

– Não, seu Manoel, não é como com o padre, o senhor pode até ter pecado.

– Pequei, sim, ganhei um monte de Padre Nosso para rezar depois da última missa que assisti.

– Pois é, mas doença não passa por intenção, só quando o ato é completado; então se o senhor não fez sexo pago, vamos adiante.

– Doutor, e se eu tivesse dado um presente, é sexo pago?

– Presente como?

– É que numa outra vez uma das minhas funcionárias me deu bola, saímos juntos e fomos para um motel, e aí rolou o clima, o senhor sabe. Depois eu não paguei nada nem ela pediu, mas eu dei um presentinho para ela.

– E quando foi isto?

– Há uns dez anos, doutor, e até hoje eu acho que o presente foi meio micho, ela nem agradeceu.

– Há dez anos não tem problema (mais cinco minutos perdidos... eu vou desistir... e o seu Manoel continua impávido na minha frente... como é que eu despacho esta avantesma?). Quero saber no último ano.

– Bom, no dia 31 de dezembro para 1º de janeiro – e eu não lembro se foi no dia 31 ou já no Ano Novo – a Jurema, empregada lá de casa, e eu estávamos meio alegres e nos atracamos lá no quatinho dela e aconteceu. Conta em que ano?

O pobre colega hemoterapeuta continuou neste diapasão por mais duas horas e num acesso de raiva segurou o seu Manoel pela gola, o seu Manoel reagiu e os dois foram parar na Delegacia. O delegado, depois de deixá-los esperando umas quatro horas juntos, na mesma sala de espera, registrou o boletim de ocorrência como agressão mútua. O seu Manoel pensa em pedir indenização ao Banco de Sangue por danos morais, e o médico do Banco de Sangue pensa em mudar de profissão.



Luiz Baccalá

Fernando Proença de Gouvêa

Nascido em São Paulo, no dia 28 de abril de 1927, Luiz Baccalá, na infância, morava nas vizinhanças do terreno em que foram construídos a futura Faculdade de Medicina e o

Hospital das Clínicas, acompanhando as suas obras de perto desde o início.

Desde aquela época, queria ser médico, o que se concretizou em 1950, ao classificar-se no exame vestibular e matricular-se como aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Durante o seu curso de Medicina, foi um dos seus líderes, seja nos trotes, seja no Show Medicina, no esporte ou na política interna. Graças a isso, fez dos trotes que levou ou comandou oportunidade de confraternização de calouros com veteranos, no Show Medicina usou os seus dotes de “artista” como instrumentos de crítica construtiva aos problemas de ensino da Faculdade. No esporte, foi titular permanente do time de futebol, organizador das Mac Meds e presidente da Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz (AAAOC). Politicamente, teve participação significativa para apaziguar divergências internas dos colegas de esquerda com os de direita, tornando-se, em 1954, presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC), cargo que exerceu com grande destaque. Com relação aos colegas de turma, desempenhou importante papel no desenvolvimento da grande amizade entre todos nos 57 anos de convivência desde 1950 até os dias de hoje. Foi também muito significativo o seu apoio aos companheiros que adoeceram durante o curso médico ou após a graduação. Baccalá fez internato e residência de Cirurgia no Hospital das Clínicas, passando depois a assistente da primeira Clínica Cirúrgica e do Pronto-Socorro de Cirurgia, assumindo mais tarde uma Chefia de Equipe do Pronto-Socorro, sobressaindo-se sempre pela dedicação e competência técnica.

Formado em Administração Hospitalar no Prohasa/Fundação Getúlio Vargas e em Medicina do Trabalho na Faculdade de Saúde Pública, assumiu diversos cargos administrativos dentro e fora do Hospital das Clínicas (HC). Em 1975, assumiu a direção do Pronto-Socorro Municipal, contribuindo significativamente para a melhor qualidade do atendimento pré-hospitalar de acidentados ou vítimas de mal súbito na cidade de São Paulo; com essa finalidade, visitou sistema similar em Londres e aproveitou toda a experiência adquirida no Pronto-Socorro do HC. Em 1980, assumiu o cargo de Diretor Executivo do Instituto Central do Hospital das Clínicas. Posteriormente, foi assessor da Superintendência do HC, até a sua aposentadoria em 1997. Foi também médico da antiga Guarda Civil e do Serviço Social da Indústria (SESI), neste inicialmente em Jundiá e depois em São Paulo, tornando-se assessor médico da Superintendência SESI e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Representou a entidade, por vários mandatos, no Conselho Municipal de Saúde de São Paulo, no Conselho Estadual de Saúde e no Conselho Nacional de Saúde. Nos últimos anos, participou assiduamente da Congregação da FMUSP, como representante dos antigos alunos da Faculdade.

Outra especialidade do Baccalá foi a Medicina Esportiva, exercendo, nos últimos anos de vida, a Presidência do Panathlon Clube de São Paulo, o qual representou participando de eventos do Panathlon Internacional, na Itália, além de comparecer a diversos congressos na Inglaterra, Alemanha, Chile, Áustria, Argentina e Espanha. Dentre as condecorações, recebeu a medalha da Ordem do Ipiranga, do Mérito Panathlético e da Personal Rede Brasileira dos 500 anos.

Foi Secretário Regional do INAMPS em São Paulo e fez parte do Conselho da Associação Brasileira de Preservação de Acidentes. Foi membro da Academia de Medicina de São Paulo, sendo seu dirigente no biênio 2000-2001.

Nos últimos 20 anos, concentrou suas atividades na Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (AAAFMUSP), como dirigente e Diretor Presidente. Como tal, teve grande participação na criação e organização da Fundação Faculdade de Medicina, da qual foi membro do Conselho Curador por 19 anos. Dentre suas realizações na AAAFMUSP, merecem destaque: os Encontros de Gerações, buscando aproximar anualmente, no mês de outubro, alunos e antigos alunos da FMUSP; sua participação na restauração do prédio da Faculdade de Medicina; e a construção do Mausoléu do Médico, em vias de conclusão, no Cemitério do Santíssimo Sacramento, ao lado do cemitério do Araçá. Durante sua gestão, colaborou significativamente com a AAAOC, na recuperação de instalações da Praça de Esportes, e com o CAOC, na ajuda a estudantes com dificuldades. Foram de sua iniciativa também as homenagens a professores falecidos e, a antigos funcionários da Faculdade, tais como o professor de natação Sato, Albino Carramão das Neves e Américo Lourenço, perpetuados com monumentos em bronze nos locais em que trabalharam.

Foi dirigente e membro efetivo do Centro de Estudos e Pesquisas “Dr. João Amorim”, no qual, além de tesoureiro, foi grande colaborador do programa “Dr. Conforto”, visitando ou agendando consultas e cirurgias aos pacientes mais necessitados; são inúmeros os indivíduos de todo o Brasil beneficiados por suas ações humanitárias. Até poucas semanas antes de sua morte, no Hospital das Clínicas, ainda freqüentava a sala da AAAFMUSP, atendendo e ajudando a todos os que o procuravam e comandando a administração da entidade.

Com um temperamento sempre alegre e jovial, Baccalá às vezes parecia irreverente com as brincadeiras e piadas que inventava, mas sem jamais desmerecer o exemplo de seriedade e abnegação que caracterizaram sua carreira profissional. Merecem referência também o seu interesse pela Astronomia, sua imensa paixão por Botânica, bem como suas qualidades como enólogo e profundos conhecimentos em culinária – que inclusive o levaram a uma iniciativa pioneira, na década de 70, abrindo na Vila Madalena a Cantina San Gennaro, um dos primeiros restaurantes do bairro e que, durante muitos anos, foi ponto de encontro de seus colegas e amigos, especialmente do HC.

Luiz Baccalá era irmão do médico Luciano Baccalá e, ao falecer em 9 de outubro de 2006, deixa a esposa Yolanda e um filho, o Prof. Dr. Luiz Antonio Baccalá, livre-docente da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Fernando Proença de Gouvêa
da Academia de Medicina de São Paulo

Gabriel Marques, um injustiçado lidador das letras

Célio Debes

A crônica histórica da Cidade de São Paulo tem sido exercitada há muito.

Longo seria o rol desse escritos. Lembrem-se alguns, para ilustração: *São Paulo antigo 1554-1910* (2 v.), de Antônio Edígio Martins; *Tradições e reminiscências paulistanas*, de Afonso de Freitas; os seis volumes de *São Paulo histórico* e os três de *Metrópole*, que o incansável Nuto Sant'Anna nos legou; *São Paulo naquele tempo (1895-1915)* e *São Paulo nesse tempo (1915-1935)* ambos da lavra de Jorge Americano; *Cavaquinho e saxofone*, com o destaque para o capítulo *Notícias de São Paulo*, de autoria de Antônio de Alcântara Machado.

Além desses e de outros destacados cultores do gênero, temos Gabriel Marques, que nos legou *Ruas e tradições de São Paulo*, cujo subtítulo diz *Uma história em cada rua*.

Creio que, hoje, na lembrança de seus coetâneos, reste dele a imagem envolta em névoa; seus escritos, e não foram poucos, permanecem na mais completa deslembração dos lidadores das letras.

Espigado, esbelto, cabelos bastante ondulados e assentados com esmero, metido num jaquetão bem ajustado, era simpático e afável, mas um tanto tímido.

Conheci-o no Instituto Histórico, há décadas, do qual era ele freqüentador constante. Tempos saudosos esses, em que grupo numeroso de seus integrantes, interessados em História e sabedores dela, reuniam-se em tertúlias que a acolhedora e agradável receptividade de Aureliano Leite propiciava.

Assinalava, também, sua presença nas concorridas e substanciosas sessões ordinárias, que aos sábados à tarde lotavam o auditório, com oradores dissertando sobre temas que, por sua importância, carreavam para o Instituto conceito de entidade respeitável e respeitada. Ser integrante dessa Confraria revestia-se de alto significado, repercutindo até mesmo na titulação de candidatos às carreiras universitárias!

Gabriel Marques, além de ser um deles, dividia suas atividades entre os fazeres de funcionário dos Correios, a militância na imprensa e o cultivo das letras.

Deixou apreciável bagagem. Alguns de seus livros alcançaram a relevante acolhida do exigente editor Monteiro Lobato. Em várias de suas obras, o tema era o cotidiano da gente desprotegida da sorte, e mesmo do populacho, com suas adversidades e suas misérias, suas habitações humílimas, seu comportamento, muitas vezes descambando para o crime.

A respeito de seu primeiro livro editado, *Os condenados*, de 1922, em que enfeixara vários contos, mereceu de Afonso Schmidt referências elogiosas:

“Gabriel Marques, com seu jeito apagado, de homem silencioso, alheio ao bulício da rua, tinha-me saído um no-

velista à Gorki, à Poe, à André Lorde. Suas personagens parecem recortadas aos desenhos de Kathe Kellmitz.”

E, mais adiante, o autor de *A sombra de Júlio Frank*, fala de seu novo livro, *A canalha*:

“Lá vinham suas histórias favoritas: diálogos por detrás de venezianas, idílio de ladrões e minas-de-bute, suicídios no viaduto, assaltos de meia-noite, presos que tiram a cinta e se penduram pelo pescoço nos ferros da grade. Mas o autor continuava estranho a idéias, a filosofia, a doutrinas. Limitava-se a observar, a contar.”

A despeito dessa abstinência doutrinária, fez, sem qualquer pretensão, trabalho sociológico.

Ganharam repercussão internacional alguns de seus escritos. Aquele *Os condenados* foi vertido para o castelhano; *O homem que não matou* foi premiado na Argentina; *Os esquecidos de Deus* (contos) recebeu galardão prestigioso da Academia Brasileira de Letras (ABL), em análise, de que foi relator Humberto de Campos!

Em *Ruas e tradições de São Paulo*, Marques retrata a cidade, seus moradores, os tipos populares e os hábitos do cotidiano da velha Piratininga.

Dá-nos idéia de seu empenho em registrá-los, este curioso e, a um tempo, doloroso costume paulistano, já, então, há muito, banido de suas práticas.

“Como era, também [escreve] ouvir-se nas ruas, ao findar-se do dia e em determinadas ocasiões, o som dorido de uma sineta tangida, de momento em momento, pela mão de um circunspecto menino.”

E prossegue:

“Tratava-se da chamada procissão de *Nosso pai* que, à pressa, e como um bloco de ensandecidos, a um agonizante ia levar a extrema-unção... À frente ia o sacristão, de opa roxa, a carregar alçada, uma cruz preta. A seguir, e no mesmo ritmo andeiro, era a vez do rapazelho a badalar a sineta lúgubre, que ia assim soluçando seu plangente *misere nobis...*”

Dando curso à descrição, avança nos detalhes:

“Depois caminhava o sacerdote, de mãos postas, paramentado de negro, sob largo pálio azul-celeste sustido por seis devotos de opa da Irmandade do Santíssimo Sacramento.”

E arremata:

“Finalmente, estendia-se o aglomerado de fiéis a entoarem, num meio tom soturno, a *Ladainha dos Agonizantes...*”

A propósito da série de artigos, originariamente estampada na *Folha da Noite* e que compõe esse *Rua e tradições*, Ruy Bloem – redator-chefe do jornal e que instigou Gabriel a redigi-la – assinalou em escrito que, postumamente, foi-lhe inserido antecedendo o texto.

“Neste livro, com efeito, vamos encontrar, fundidos, o escritor e o jornalista: este voltado para a vida de todos

os dias e aquele, para a fixação permanente em livro. O plano inicial desta obra, aliás, foi simplesmente uma série de reportagens.”

Confessando o propósito inicial que o levava a solicitar a colaboração de Gabriel, deixa claro o que a animara fazê-lo:

“... Não me animava nenhum plano ambicioso, mas a simples preocupação jornalística de pôr ao alcance do leitor um pouco do passado da cidade, de que as suas ruas haviam sido testemunhas. Numa metrópole em permanente transformação, como é São Paulo, esse trabalho evocativo teria de encontrar, como encontrou, a maior repercussão.”

Enaltecendo o trabalho do jornalista, evidencia a dedicação e a seriedade com que se entregou ao encargo:

“O entusiasmo, e digo mesmo, a paixão com que Gabriel Marques se entregou a esse trabalho – mergulhando em arquivos, ouvindo depoimentos, percorrendo ruas e avenidas modernas e fervilhantes de vida, à procura de algum traço do seu passado esquecido, quando eram simples vielas da cidade provinciana e pouco povoadas – fizeram daquela série de reportagens preciosa contribuição para a própria história de São Paulo.”

Na versão do autor, ao explicar *Este livro...*, estampado à guisa de prefácio, sabe-se de seu intento, lavrado com tanto desvelo e apego:

“Fica assinalado, aqui, nas reportagens incolores, deste livro, esta justa gratidão a Vocês – Ruas que foram, sempre as mais devotadas amigas! A Vocês todas que, na nossa já longínqua mocidade boêmia, tantas e tantas vezes nos agasalharam cristãmente, sob o manto rendado e frio da garoa...”

E, como a advertir-nos do vilipêndio com que é tratada a nomenclatura tradicional de nossas vias públicas, apela, ao tratar de uma delas:

“Que se modernize (muito bem!), que se torne a primeira dentre as primeiras avenidas das Américas e do mundo (é o nosso desejo!), mas (por favor!), que lhe não mudem nunca o nome que a acompanha desde o nascimento. Lembremo-nos, todos nós, das palavras de Joaquim Eugênio de Lima:

- *Será paulista, em homenagem aos Paulistas!*”

Eis o nosso Gabriel Marques que, se não logrou as auras da fama que seu homônimo desfrutava, deixou, no entanto, obra que o consagrou em seu tempo, tempo implacável, que varre das memórias, a memória dos que engrandeceram o tempo em que viveram.

Célio Debes

da Academia Paulista de Letras
e da Academia Paulista de História

Maturar

Carlos Alberto Pessoa Rosa

As primeiras letras vieram da pena no tinteiro, da tinta no dedo, na roupa, mata-borrão era espelho das palavras, tudo tinha um cheiro muito pessoal e os sabores eram vadios como os gatos, estavam nos lugares mais estranhos e inesperados. Música? Vinha de dentro, ninguém mais ouvia além da gente.

Crescer é deparar-se com inesperados... Mata-borrão passa a coisa do passado com aposentadoria da pena; ao mesmo tempo, a máquina de escrever vai se tornando popular, quem não a conhece carece de emprego. O professor cobra o exercício: asdfg – çlkjh. Depois, montam-se as palavras, primeiro as simples: dada – fafa – lala; depois, as difíceis: verídico – qualquer – calçada. Som não sai mais de dentro, só o de fora, metal no papel. Então, ligamos o disco de vinil ou o rádio, e tudo vai ficando, pouco a pouco, do lado de fora, algo barulhento. Os cheiros e sabores já não surpreendem, a não ser muito raramente quando os da infância retornam – é quando miramos o olhar no vazio para ver se resgatamos nossa criança.

E paramos de crescer... Justamente quando as letras pulam na telinha. Incomodou é só corrigir, apagar, desaparecem em segundos, se vai a memória da máquina, e sai tudo limpinho, sem erro, cheiro ou sabor. Nessa altura, o som interior é abafado, o que ouvimos vem da máquina, do sistema ou do CD. A máquina canta, conversa por nós; já há algumas que exalam cheiros, a gosto do freguês. Está triste? Cheiro de velório. Está apaixonado? Cheiro de amante. Está vendo uma película? Cheiro de pipoca.

Saudade... Foi a saudade que me colocou aqui com uma caneta Stabilo print 88 fine 0,4 e uma folha de papel em branco. Ela roça o papel como a pena, tem o cheirinho de tinta, me leva a fazer movimentos como se houvesse próximo um tinteiro, mas não ouço a música interior: esta a vida me roubou para sempre.

Carlos Alberto Pessoa Rosa

Escritor

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memorian*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.

Os “Turcos” em Novo Horizonte

M. I. Rollemberg

Até o final da Primeira Guerra Mundial o Oriente Médio era dominado pelo Império Otomano. Dessa forma, os primeiros imigrantes daquelas paragens como Síria, Líbano (inicialmente pertencente à Síria), Arábia Saudita e outros povos do Oriente Médio chegaram ao Brasil com um passaporte da Turquia. Por essa razão, estes pioneiros ficaram conhecidos como turcos. Sendo o Líbano uma província síria, seus habitantes eram conhecidos como sírio-libaneses, tal como eram chamados vários Eids.

Descendentes dos antigos fenícios, logo se distinguiram como hábeis negociantes, dominando o comércio e formando verdadeiros impérios naquela faixa do Mediterrâneo.

Os primeiros imigrantes transformaram-se em intermediários dos recém-chegados, orientando-os e fornecendo as condições mínimas de sobrevivência. Estes patrícios construíram verdadeiros redutos, fornecendo material para ser negociado pelo interior como mascates, garantindo crédito prévio. Muitas fortunas começaram desta maneira.

Com o término daquele sangrento conflito, a Inglaterra, a grande vencedora, e a França conseguiram dominar todo aquele território com a ajuda dos povos que os habitavam e a promessa de criar países livres e independentes. Espertamente, dividiram toda aquela região de maneira aleatória, visando futuras vantagens com o petróleo. Assim surgiram Síria, Líbano, Iraque, Palestina, Arábia Saudita e outros menores. A divisão não foi por etnias, o que tem originado conflitos intermináveis até hoje.

A maioria dos imigrantes locais veio de uma cidadezinha chamada Ibn el-Sack. Para alguns, ficava na Síria, para outros, no Líbano. O mais provável é que ficasse na fronteira dos dois. Para o Brasil vieram várias famílias: os Eid, Tayar, Abussamra, Trad, Abdalla, Haddad, Jacob, Mansur, Tebet, Nicolau, Rahal, Berneba, Saud e outros mais, cujos descendentes foram multiplicando-se inicialmente dentro da própria colônia, para depois formarem um caldeamento com os demais habitantes.

Os primeiros casamentos com mulheres dos mesmos lugares de origem fizeram coincidir matrimônio entre irmãos de um lado e irmãs do outro.

Sendo exímios negociantes, ao melhorarem de vida, abriam sistematicamente uma loja, tornando-se muito populares, alguns emblemáticos e até folclóricos.

Em cidade pequena, com poucas possibilidades de diversão, era evidente que surgissem histórias às vezes picantes, entre-meadas por típicas “fofocas” e “venenos”. Isso fazia a alegria de todos. Uma das pessoas exímias nessas histórias foi meu saudoso amigo Rauf Eid. Em uma de minhas férias, ficamos ouvindo por horas piadas da colônia, que discorria com grande verve, salientando a figura do pai Nicolau, um dos cidadãos mais populares. Este inicialmente fora sócio da loja Dos Três Irmãos. Vendiam de tudo. Nosso rádio de marca Philips inglês foi comprado ali em 1940 e funciona até hoje. À noite ouvíamos as grandes emissoras mundiais. No entanto, a mais popular era a BBC de Londres. Por meio dela foi possível acompanhar o andamento do terrível conflito da Segunda Guerra Mundial. Depois criou sua própria loja, Casa São Nicolau. Vendia tecidos, especialmente para mulheres. Ninguém entrava naquela loja sem sair com dois ou três cortes de tecidos. Contavam que certo

dia entrou na loja um forasteiro perguntando por sedas. Após fazer os maiores elogios para seus artigos, o indivíduo acabou comprando vários cortes. Perguntou o preço, dispondo-se a pagar. Foi quando reclamou do recibo. Nicolau indagou: “bor quê?”, naquele seu português arrevesado. O indivíduo identificou-se como fiscal da Secretaria da Fazenda, mas Nicolau não se apertou: “bor que recibo? É bresente...”

De outra feita, pediu ao Rauf para tomar emprestado um martelo do irmão Nagib, dono da Casa Royal, a loja mais sofisticada da cidade, em frente à sua. Ali se compravam casimiras inglesas, linhos irlandeses, produtos refinados. Rauf atravessou a poeirenta rua Trajano Machado e, ao fazer o pedido ao tio, recebeu como resposta: “fala brá Nicolau que num tem nenhum martelo brá emprestar!” Após receber o recado, Nicolau saiu com esta pérola: “Turco miserável, sovina! Vai buscar a nossa mesmo, Rauf.”

Um fim de tarde estava com as portas da loja fechadas, quando alguém bateu em uma delas: “quien é qui é?” A pessoa respondeu: “esmola...”; e ele incontinente... “bõe por baixo da porta”. O homem não se apertava.

Usava-se muito nas escolas e para o dia-a-dia dos garotos roupas feitas com brim cáqui, tecido muito resistente e apropriado para enfrentar aquele poeirão. Quando o freguês fez a compra, indagou se o pano iria encurtar, já recebendo a resposta na ponta da língua ... “tão garantido que poderia até cortar o braço daqui pra baixo...”. Passado um mês, o freguês voltou com o filho vestindo uma roupinha toda encolhida e mal entrando, foi ouvindo: ... “benza Deus, como cresceu a menino...”

Uma das figuras mais populares e queridas da cidade foi Dr. José D’Andrea, casado com D. Didinha Castilho. Não tiveram filhos, mas foram padrinhos de batismo e casamento de todos os amigos árabes. Após o término da guerra, realizaram o grande sonho da época, que era viajar pela Europa. Como não havia lojas de câmbio nem *travellers checks*, as pessoas precisavam comprar previamente todas as moedas dos diferentes países a visitar. Se as perdessem, estariam em “mal lençóis”. Como essas viagens a “vapor” eram demoradas, podiam ficar fora de casa até seis meses. Era coisa para rico.

Ao saber da viagem, seus compadres se ofereceram para levá-los à terra natal de seus ancestrais. Como acompanhante e tradutor, seguiu Jorge Abussamra. Aí entra a história do Rauf. Ao chegarem a Ibn el Sack, instalaram-se em um pequeno hotel e foram em seguida dar um passeio. Chegando de volta, Dr. D’Andrea percebeu ter perdido a carteira com todo o dinheiro. Em pânico, sem saber o que fazer, alguns instantes após foi procurado pelo gerente do hotel informando que um cidadão havia encontrado sua carteira, aguardando na recepção para devolvê-la. Mais do que depressa abriu-a e contou ali mesmo o dinheiro. Para sua surpresa, estava intacta, sem faltar uma cédula. Perguntou entre atônito e surpreso: “não existe ladrão nesta terra?”, ao que o cidadão respondeu: “não! Foram todos para Novo Horizonte!”

M. I. Rollemberg
médico-cirurgião